

JULIANA PAES

ATRIZ

Corpo *que habita*

Com três décadas de carreira, Juliana Paes se vê agora em um momento de mais autonomia sobre o tempo e o próprio corpo. No mesmo passo em que retorna ao Carnaval, ela celebra mais um trabalho de sucesso na Netflix, cultivando um diálogo profundo e sensível entre suas personagens e seu público

POR **MARÍLIA KODIC**
FOTOS **BRUNA CASTANHEIRA** (GrouPart Mgt)
DIREÇÃO CRIATIVA **ROBERTA CARDOSO**
DIREÇÃO DE MODA **LARISSA LUCCHESI**
STYLING **ALBERTH FRANCONAID** (MLages)
BELEZA **WILL VIEIRA** (PGA)
SET DESIGN **RICARDO ISHIHAMA**
PRODUÇÃO EXECUTIVA **VANDECA ZIMMERMANN**



Body Fauve;
colar Gemm



Saia H&M; top Forca; meia-calça Calzedonia; sapatos e biquíni acervo do stylist; braceletes Brasileiro

J

JULIANA PAES FALA BAIXO, ri fácil e, ao mesmo tempo, escolhe palavras que pesam. Na mesma semana em que encarava um ensaio da Viradouro na Amaral Peixoto – “volta para casa, para o ninho”, como ela define – a atriz também celebrava o impacto de duas personagens que a colocaram, de vez, no centro de debates urgentes: Leila, a mulher ambígua do universo do jogo do bicho em *Os Donos do Jogo*, e Liana, a protagonista de *Pedaço de Mim*, papel que diz ter “recebido como um diamante”.

Leila, sua personagem mais recente, é muitas em uma. “Talvez eu tenha mais coisas em comum com a Leila dos flashbacks”, conta. Essa versão do passado é a mulher romântica, que foge por amor com um filho no colo, em busca de uma família feliz. Já com a Leila do presente, Juliana enxerga um ponto de fratura – para ela, é inconcebível a experiência de abandonar um filho para sobreviver. “Eu ficava perguntando para a minha terapeuta: que dor é essa? É um luto? Dá para sublimar? Dá para seguir vivendo?”

A preparação da personagem virou quase um estudo de psicanálise. Juliana fala de Leila como quem decifra um caso clínico complexo: uma anti-heroína que mata em nome de um filho que não criou, que opera nas brechas de um sistema patriarcal, que sabe usar a lógica dos homens para virar o jogo – mesmo que isso signifique repetir as práticas violentas. “Ela aprendeu: ‘Já que o jogo é assim, vou ser uma excelente jogadora respeitando essas regras’. Muitas mulheres vivem assim”, diz. É esse lugar de poder silencioso que ela vê espelhado na vida real.

Não à toa, Juliana rejeita tanto a vilã rasa quanto a mocinha edulcorada. Ela se interessa pela zona cinzenta. Em *Pedaço de Mim*, série que retrata uma relação abusiva, o impacto foi imediato. “Ficou nítido como o público masculino não sabe lidar com esse tipo de dor. Tenho amigos sensíveis que me disseram: ‘Não consegui ver até o final, é pesado demais’. Mas está no jornal. Acontece todo dia.” Em contraponto, vieram as mensagens de mulheres agradecidas por ver a violência retratada com cuidado e

sem erotização. “Eu ouvi muito: ‘Eu vivi isso e consegui assistir’. Isso me arrepiou”, conta.

Essa confiança para mergulhar na escuridão dos personagens vem acompanhada de uma autoexigência feroz. Juliana se define como sua “maior algoz”. Diz ainda ter dificuldade em se ver em cena: seu olhar sempre encontra “o canto do quadro que poderia ter sido melhor esfumado”. Ao longo dos anos, aprendeu a ler críticas sem adotar uma postura defensiva. “Se eu sou tão crítica comigo, quem sou eu para achar que ninguém pode me criticar?”, pergunta.

A vulnerabilidade aparece com mais força quando o assunto é o corpo, o tempo e a produtividade. Juliana sente na pele o “fio da navalha” que recai sobre mulheres públicas: envelhecer, mas não demais; cuidar da aparência, mas sem parecer “plástica”; estar bem, mas não ceder a todas as “ciladas estéticas”. “É um jogo que a gente não ganha”, diz. Na carreira, negocia com outra angústia: a de dizer não. Depois de anos aceitando tudo, hoje tenta escolher projetos e preservar o espaço da mãe e da mulher que existe fora da exposição pública. “Batalhei para chegar nesse lugar de poder escolher. Entender o que é prioridade exige maturidade.”

É justamente esse corpo que o Carnaval reacende. De volta ao posto de Rainha de bateria da Viradouro, Juliana fala da avenida como um altar íntimo: um lugar de resgate da sensualidade que a rotina, os filhos, o mercado e a autocobrança vão empurrando para o fundo da gaveta. “A gente vai abandonando essa mulher que estufa o peito, rebola, ergue os braços. O Carnaval me desenferuja.” A aula de dança, a coreografia que mexe com o “chakra criativo”, o brilho da fantasia: tudo vira ferramenta de saúde mental e sexual. “Mexer o corpo sinuoso é importante. Tem um lugar sagrado nisso”, diz ela, desejando que outras brasileiras também se autorizem a rebolar – nem que seja só no quarto ou entre amigas.

Quase 30 anos depois de aparecer pela primeira vez diante das câmeras, Juliana ainda se surpreende com a imagem que o público faz dela. “É comum eu ouvir: ‘Não imaginava que você era assim’”, diz. Do outro lado da tela, vê-se a estrela poderosa, a presença avassaladora, a rainha carnavalesca. Por dentro, ela se reconhece como uma mulher simples, suburbana, que cresceu ouvindo histórias de jogo do bicho na família, pinta quadros que nunca considera prontos e tenta, como tantas outras, equilibrar maternidade, trabalho, tempo e desejo.

Talvez esteja aí o segredo do fascínio que suas personagens exercem: elas são maiores que a vida, mas carregam dores, culpas, contradições e medos que muitas mulheres reconhecem no espelho. Juliana Paes, com a lucidez de quem leva as personagens para a terapia, devolve ao público o que considera ser o verdadeiro papel do artista: “Pintar com as cores que estão ali, o mais próximo possível do real – e deixar que o mundo discuta o resto”. ■

“Batalhei para chegar nesse lugar de *escolha*. Entender o que é *prioridade* exige maturidade”

Cardigan, calça e sapatos **Giorgio Armani**; joias **Cartier**

Na página ao lado, body e calça **Fauve**; colar **Gemm**; sapatos **Ferragamo**





Vestido e calça
Ferragamo;
sapatos Christian
Louboutin; brincos
acervo do stylist

Na página ao lado,
segunda pele e
punho, Malak

Top **Haight**; saia
Penha Maia;
sapatos **Louis
Vuitton**; brincos
Saint Laurent, meia-
calça **Calzedonia**

Na página ao lado,
vestido **Mondepars**;
anel **Apricus**



TRATAMENTO DE IMAGEM: PHILIPPE MORTOSA (THINKERS MGMT) / BELEZA COM PRODUTOS NARS. COSMETICS. KEUNE / ASSISTENTE DE BELEZA. WLADA SAFRONOVA / ASSISTENTES DE FOTOGRAFIA. BIA GARBIERI. FERNANDO BENTES / PRODUTORES DE MODA. CAROL AURORA. LUCAS ELIDIO / CAMAREIRA. LINDA GOMES / CONTRAREGRA. BRUNO ROCHA / AGRADECIMENTO. LOCADORA PLURAL

